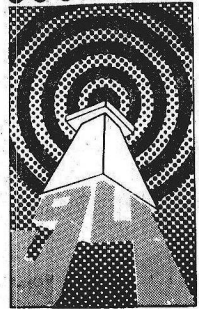


PMDB só ^{apóia} Cardoso se comandar Congresso

GERALDA FERNANDES

SUCESSÃO



O PMDB está condicionando sua participação no bloco parlamentar de apoio ao governo de Fernando Henrique Cardoso à negociação em torno dos cargos de presidente da Câmara e do Senado. O comando do Congresso foi ponto de atrito na primeira conversa sobre base de sustentação do futuro governo — após as eleições — entre os presidentes do PMDB, deputado Luiz Henrique, e do PSDB, Pimenta da Veiga. E promete ser uma questão polêmica entre os três maiores partidos — PMDB, PFL e PSDB. “O PMDB se qualificou, como dono das maiores bancadas, a ter esses cargos”, ressaltou Luiz Henrique. Já o líder tucano avalia que “ter bancadas grandes, por si só, não resolvem a questão das mesas, que sempre foram fruto de entendimento”.

O PMDB tem como certa a presidência do Senado — é praxe o cargo ser ocupado pelo partido de maior bancada. Quanto à Câmara, Luiz Henrique disse que a questão está ainda sem contorno definido. “Fizemos uma bancada muito grande e não sei qual vai ser o grau de reivindicação dos deputados”, argumentou, ao explicar que a deci-

são deverá ser tomada pelo Conselho Político do PMDB, que vai se reunir imediatamente após a eleição em segundo turno. “Minha preocupação é com a falta de base parlamentar e o PMDB mostrou, nas eleições, que tem uma forte estrutura”, acrescentou. “No momento oportuno, vamos convocar o conselho e decidir”, anunciou.

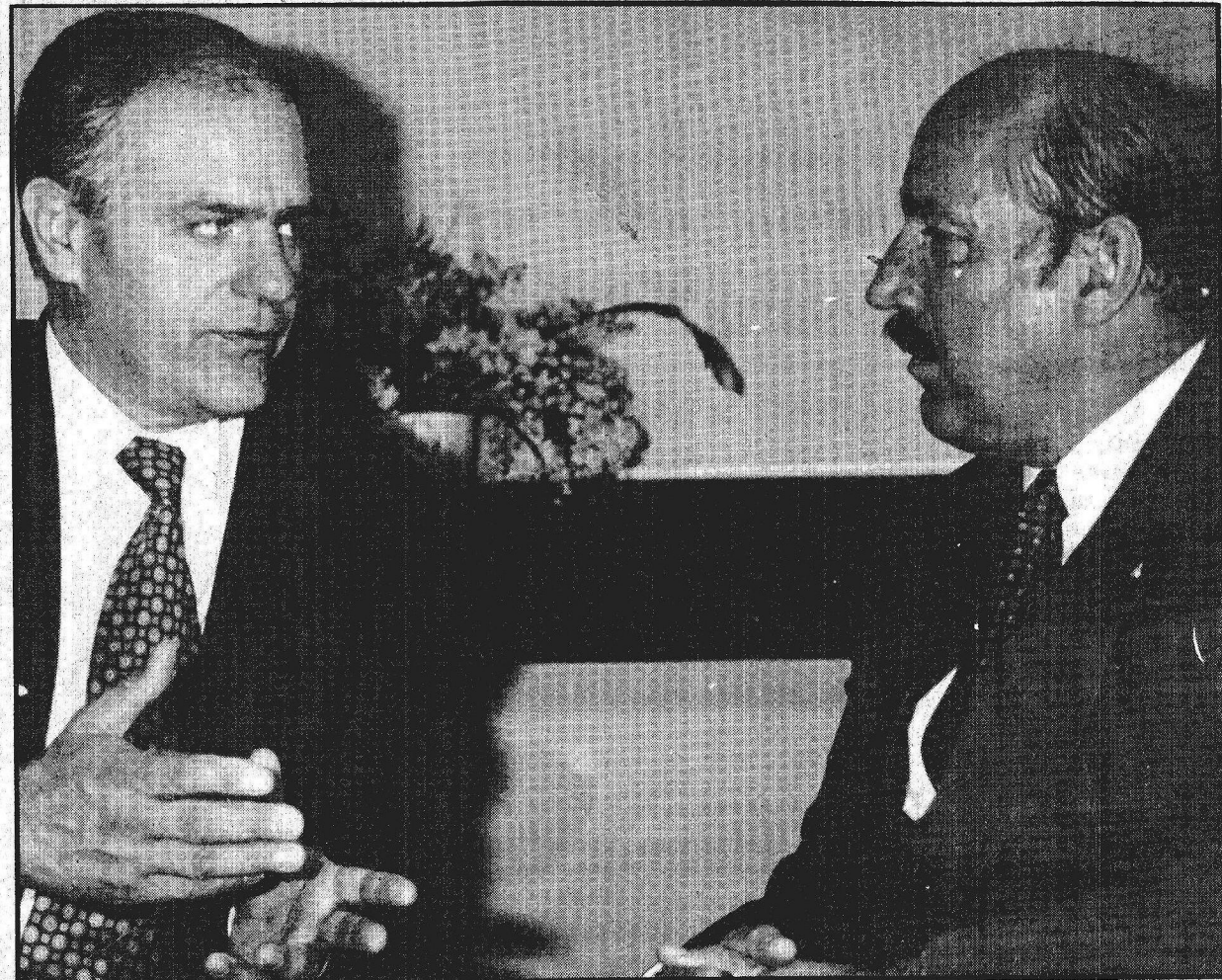
Imposição — Ao presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso, interessa ter como aliado um partido com quase 120 deputados e 22 senadores. Pimenta da Veiga lembrou Ulysses Guimarães para dizer que fazer “política é queimar combustível” e que acredita no entendimento. “O PMDB não pode é chegar com uma posição definida e dizer que não abre mão”, disse. Indagado sobre a pretensão do PFL, partido coligado na eleição de FHC, inclusive com o vice-presidente, senador Marco Maciel, de pleitear a presidência da Câmara, Pimenta também argumentou com a negociação. “Temos de aguardar para saber a posição do PMDB em seu conjunto, com segurança e cabe aos coligados saber que não se pode governar sem maioria”, destacou.

O líder tucano disse que a formação de um bloco, com ou sem a participação do PMDB, é questão não definida. “Não estou sugerindo a formação do bloco nem quero definir partidos que devam participar. Em tese, a criação do bloco organiza o trabalho parlamentar, especialmente na Câmara, que é mais nu-

merosa”, argumentou. Pimenta da Veiga voltou a negar que o apoio dos partidos implique retribuição de cargos no futuro governo. “As articulações nos momentos mais difíceis foram feitas sem esse ingrediente e não será agora que vamos conversar sobre isto”, descartou.

Disputa — Luiz Henrique e Pimenta da Veiga não adiantaram maiores detalhes, mas conversaram sobre a disputa nos estados onde haverá segundo turno na eleição para governador. “Na maioria dos estados já estamos coligados”, lembrou o peemedebista. “A situação ideal seria como no Rio Grande do Sul, onde o PMDB nos apoiou ainda em primeiro turno”, citou o tucano. O comportamento do presidente eleito, segundo Pimenta da Veiga, não será de campanha. “Talvez não participe pessoalmente em nenhum lugar, mas haverá sinalização de apoio”, explicou.

Os presidentes discordaram também sobre a possibilidade de reformas constitucionais ainda este ano. “É primordial que se façam reformas fiscal, tributária e da Previdência Social ainda este ano”, entende Luiz Henrique. “Já fui mais animado com essa possibilidade”, ressaltou Pimenta da Veiga. Para ele, a viabilização das reformas passa antes por mudanças no regimento do Congresso. “Fernando Henrique deve ser o grande artífice destas reformas e cabe a ele saber o que quer e que riscos pode correr”, complementou.



Pimenta e Luiz Henrique divergiram quanto à pretensão do PMDB de presidir a Câmara e o Senado

Geraldo Magela